UCRÂNIA 2024: O ANO DECISIVO?

*Por Sylvain Ferreira**

Sistema lançador de foguetes russo TOS-1A (Creative Commons).

O ano de 2024 será decisivo para a Ucrânia, e a corrida presidencial americana não vai salvar Zelensky e seu regime.

Após o fracasso da contraofensiva de verão do Exército ucraniano e apesar da cobertura midiática da travessia do Dnieper e dos ataques à frota do Mar Negro, a situação da Ucrânia piorou graças à retomada dos ataques estratégicos russos ao parque industrial e às infraestruturas energéticas do país. Na frente de batalha, as ofensivas russas locais também continuam e tornam possível "mordiscar" terreno. Lidando com esta situação, Kiev vê seu potencial humano e material diminuir um pouco mais a cada dia, à medida que a ajuda ocidental se esgota.

ATAQUES RUSSOS

Em 29 de dezembro de 2023, as forças russas iniciaram uma nova campanha de ataques com mísseis e drones contra instalações estratégicas ucranianas em todo o território do país. Centenas de mísseis de cruzeiro e mísseis balísticos (incluindo mísseis norte-coreanos) atingiram grandes centros urbanos (Kiev, Kharkov, Dnipro, Lvov, Odessa, Zaporizhia) visando armazéns do Exército ucraniano, fábricas de armas (especialmente drones), centros de comando, bem como certas infraestruturas energéticas.

Apesar dos bombardeios retaliatórios ucranianos na cidade de Belgorod no dia seguinte, a campanha de ataques iniciada por Moscou continuou desde 2 de janeiro de 2024. Após as declarações fantasiosas de funcionários ucranianos da DCA (*Défense contre les aéronefs*, a defesa aérea) sobre o número de

interceptações realizadas contra mísseis e drones russos, parece hoje que Kiev decidiu deixar de comunicar sobre este assunto de forma tão leviana e reconhece que a taxa de interceptação está diminuindo devido à falta de munições para os sistemas DCA fornecidos pela OTAN.

No momento em que este artigo foi escrito, o último ataque maciço ocorreu em 8 de janeiro. Ao contrário das campanhas de ataque anteriores, os russos operam dia e noite. Ao visar as fábricas de armas, isto não só destrói o potencial industrial, mas pode, se necessário, levar à morte de pessoal qualificado difícil de substituir. Além disso, os ataques diurnos, principalmente pela manhã, impedem Kiev de esconder a eficácia dos ataques e a crescente falta de meios do sua DCA.

Finalmente, enfatizemos que estes ataques profundos são acompanhados de bombardeios aéreos convencionais diários com bombas planadoras de 500 kg a 1,5 t na retaguarda imediata para destruir depósitos de materiais e munições, bem como postos de comando. Na ausência de nova ajuda substancial da OTAN e principalmente dos Estados Unidos, a DCA ucraniana deverá definitivamente ficar sem munições em meados de janeiro se os ataques continuarem a este ritmo[1].

O mesmo problema também surgirá a médio prazo para as munições de artilharia. Acabamos de saber que o número de disparos da artilharia ucraniana caiu para uma média de 2.000 por dia, em comparação com mais de 6.000 no verão passado, enquanto do lado russo, graças às importações norte-coreanas, dispara agora 10.000 em comparação com 5.000 durante o verão de 2023[2].

MOBILIZAÇÃO GERAL

À medida que as línguas começaram a se soltar no aparato estatal ucraniano sobre o assunto das perdas[3], Zaluzhny chegou a pedir com força e raiva à Rada que decretasse imediatamente a mobilização de 500.000 recrutas, incluindo provavelmente 10% de mulheres, para compensar as perdas sofridas – 500.000 homens – desde 24 de fevereiro de 2022 e o aumento do número de feridos irrecuperáveis[4]. Neste momento, a Rada ainda não chegou a um entendimento sobre o texto final, enquanto nas fronteiras da Ucrânia o número de jovens que tentam fugir do país continua aumentando porque ninguém quer acabar num dos sacos de fogo criados pelo exército russo para continuar seu empreendimento de desgaste em grande escala das forças armadas ucranianas.

Além disso, a cada dia mais vídeos nas redes sociais mostram resistência por parte dos potenciais recrutas quando recrutadores vêm interpelá-los na rua ou em suas casas. A impopularidade de tal medida parece abrandar o poder político, pois há receios de um vasto movimento de protesto popular se a Rada acabar chegando a um acordo. No entanto, mesmo que o país consiga mobilizar pelo menos 450 mil novos efetivos, são necessários pelo menos três meses de instrução para treiná-

[1] https://www.francetvinfo.fr/monde/europe/manifestations-en-ukraine/guerre-en-ukraine-l-armee-ukrainienne-redoute-une-penurie-de-munitions_6282558.html.

[2] https://archive.ph/PzX7j.

[3] https://www.eurasiantimes.com/it-will-be-a-shock-ukraine-lost-500000-soldiers-in-w.

[4] https://t.co/uOaqFdrvpZ.

los adequadamente para o combate antes de enviá-los para a frente de batalha. O exército de Zaluzhny tem esses três meses hoje? Provavelmente não.

Fica claro, portanto, que os novos alistados terão um treinamento rudimentar de no máximo seis semanas antes de serem atirados na fornalha do combate apenas como soldados de infantaria (não treinamos adequadamente um artilheiro ou um tripulante de carros de combate em tão pouco tempo), enfrentando unidades russas que não o param de crescer em poderio e experiência. Em suma, para além de prolongar a guerra por alguns meses, esta mobilização corre o risco de custar caro à Ucrânia, tanto em termos demográficos como em termos de política interna.

APERITIVO RUSSO

Na linha da frente, de Rabotino a Kupyansk, os russos continuaram incansavelmente suas ofensivas locais com alguns ganhos táticos, especialmente em torno de Bakhmut, onde a contraofensiva em pinça do Exército ucraniano sonhada por Bernard Henri-Lévy acabou perdendo todo o terreno que havia conquistado com força no verão passado. Os russos parecem estar remodelando a linha de frente, tirando partido do inverno através destas operações, antes, provavelmente, de passarem para uma fase mais móvel em certos setores-chave a partir da primavera e, acima de tudo, após as eleições presidenciais na Rússia.

Apesar das afirmações de alguns observadores OSINT e da gritaria da inteligência britânica, é improvável que, como está, o Exército russo passe a uma ofensiva em grande escala antes da primavera. O principal por enquanto é continuar o desgaste do Exército ucraniano e o empenho de suas últimas reservas de munições para defender os setores atacados, já que Kiev se recusa obstinadamente a ceder o menor metro quadrado de terreno para encurtar sua frente, criar novas reservas estratégicas e forçar os russos a operarem novamente em maior escala.

Esta abordagem suicida faz lembrar a política Festungen/Festplatz [5] implementada por Hitler a partir de março de 1944. Neste contexto de grande dificuldade, é claro que a Rússia está mais do que nunca no controle da agenda de operações e que a deterioração da situação interna da Ucrânia favorece seus objetivos. Obviamente, o ano de 2024 será decisivo para Zelensky e seu regime cada vez mais corrupto, a ponto de os soldados ucranianos se queixarem abertamente[6], e não será a corrida da Casa Branca que vai salvar o ex-comediante que se tornou presidente.

Publicado no Le Dialogue.

***Sylvain Ferreira** é historiador especializado na arte da guerra na era contemporânea. Autor de diversas obras de referência sobre a Segunda Grande Guerra e a Guerra Civil Americana, é também consultor de séries documentais televisivas francesas como Tank, roi des champs de bataille (Toute l'Histoire) e Navires de Légende (Planète+). Colabora regularmente com a revistas da Editora Caraktère desde 2015.*

[5] *Em 1944 Hitler decidiu concretizar sua política de "manter todo o terreno" e "lutar até à morte", elegendo cidades como "fortalezas" (Festungen). As primeiras ocorreram no Norte da Ucrânia, em março de 1944.*

[6] *https://t.co/FxeTYdVmD0.*